

*DO*  
**MAR** *AO*  
**INFINITO**



Solicite nosso catálogo completo, com mais de 400 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpitantes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

*Edição e distribuição*

**EDITORA EME**

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari - SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 | Claro (19) 99317-2800

vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

PEDRO SANTIAGO  
*pelo espírito* DIZZI AKIBAH

*DO*  
MAR *AO*  
INFINITO

Capivari-SP  
- 2014-

© 2014 Pedro Santiago

Os direitos autorais deste livro são de exclusividade do autor que destinará toda a renda em benefício da assistência social a crianças carentes da cidade de Salvador e da Ilha de Itaparica-BA.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança”, colabora na manutenção da Comunidade Psicossomática Nova Consciência (clínica masculina para tratamento da dependência química), e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição – maio/2014 – 5.000 exemplares

CAPA | André Stenico

DIAGRAMAÇÃO | Rafael Suzuki Gatti

REVISÃO | Sônia Rodrigues Cervantes

Ficha catalográfica elaborada na editora

Akibah, Dizzi. (Espírito)

Do mar ao infinito / pelo espírito Dizzi Akibah,  
[psicografado por] Pedro Santiago – 1ª ed. maio. 2014 –  
Capivari, SP : Editora EME.

310 p.

ISBN 978-85-66805-33-8

1. Romance mediúnico. 2. Lei do perdão.  
3. Existências passadas. 4. Adoção. Resgate coletivo. I. TÍTULO

CDD 133.9

## SUMÁRIO

Palavras do autor espiritual.....	7
Capítulo 1 - Socorro imprevisto.....	9
Capítulo 2 - Impiedosa perseguição.....	43
Capítulo 3 - Novas investidas.....	53
Capítulo 4 - Situação tormentosa.....	69
Capítulo 5 - Surpresas aversas.....	79
Capítulo 6 - Semeando e colhendo.....	107
Capítulo 7 - Circunstância inesperada.....	115
Capítulo 8 - Restaurando a paz.....	125
Capítulo 9 - Surpreendentes revelações.....	133
Capítulo 10 - Aplainando os caminhos.....	139
Capítulo 11 - Um raro exemplo.....	149
Capítulo 12 - Buscando a pacificação.....	163
Capítulo 13 - Desafios oportunos.....	183
Capítulo 14 - E o sonho se tornou real.....	199
Capítulo 15 - A verdade que faltava.....	211
Capítulo 16 - O resgate.....	235
Capítulo 17 - Perdão e reconciliação.....	253
Capítulo 18 - Revelações emotivas.....	279
Capítulo 19 - Rumo ao infinito.....	291



## PALAVRAS DO AUTOR ESPIRITUAL

CENTRADOS EM INTERESSES particulares como a família, o acúmulo de bens materiais e o poder, como expressão de destaque na sociedade em que se movimentam, os que assim se comportam acabam vivendo em constante alerta, a exemplo do guerreiro no campo de batalha. Quando não se encontram na luta em defesa dos seus próprios interesses, estão sempre na defensiva, emocionalmente armados para o revide, que nem sempre ocorre mas, ainda assim, prosseguem semeando a desconfiança, a intriga e a desunião, sem jamais cogitarem a possibilidade do perdão que, como antídoto do ódio, reconcilia, harmoniza e pacifica. Mergulhados na desconfiança, cultivam a frieza e a indiferença que se alastra em detrimento da fraternidade, passo inicial para a prática da caridade, meio eficiente no combate ao egoísmo, que é o fomentador das desuniões e das injustificáveis injustiças que geram a revolta – entrave do estabelecimento da paz.

São eles, na sua maioria, espíritos que, embora devidamente preparados no plano espiritual para o seu renascimento, ao pisarem no

palco do mundo, durante o despertar no período infantil, não tenham contado com as desejadas orientações. Tão logo recobram os sentidos pela maturidade do corpo físico, até o elo que já tenham estabelecido com o bem poderá ser rompido, permitindo-se o contágio de costumes e tradições reprováveis pelo bom-senso moral, embora os reclames da consciência, onde se encontram circunscritas as leis imutáveis, do Criador.

Não intencionamos afirmar, com esse comentário, que seja muito fácil para o reencarnante agir no mundo sem se deixar contagiar por ele, principalmente, quando na fase infantil não haja recebido orientações morais, particularmente as baseadas nas lições luminosas de Jesus, mas sobretudo, reafirmar as prováveis dificuldades que o espírito encontra para o cumprimento do que fora traçado no seu programa reencarnatório e, por isso, lembrar aos pais, que devem aceitar como deveres intransferíveis, a educação e a orientação dos espíritos que chegam na condição de filhos, confiantes no amparo e na desejável orientação para seu desenvolvimento moral e espiritual, o que a maioria vem em busca.

Essas situações e tantas outras geradas pelo perdão, pela renúncia, pela prática da caridade e pela sincera bondade são encontradas, como provas inequívocas do funcionamento das leis da reencarnação, de causa e efeito e, sobretudo, da justiça divina, nas páginas desse romance, que passamos alegremente, queridos leitores, às suas mãos, agradecendo a Jesus por mais uma oportunidade de trabalho e formulando, a todos, votos de paz, harmonia íntima, alegria e boa leitura.

Salvador, 13/7/2013.

Dizzi Akibah



## CAPÍTULO 1

---

### SOCORRO IMPREVISTO

*Ante o sofrimento, não desespere! Mesmo por caminhos ásperos,  
tudo flui para o bem.*

Dizzi Akibah

DAVID OUVIA AS últimas recomendações dos instrutores espirituais sobre a sua reencarnação, para o que vinha se preparando, há muito tempo, na colônia espiritual onde era filiado:

- Embora se encontre devidamente preparado para cumprimento da tarefa, embora se trate de uma escolha espontânea, não se encontra livre de desafios e dificuldades que, certamente, encontrarás em virtude da situação moral e condição psíquica destes nossos irmãos, principalmente os que foram retirados diretamente das regiões umbra-linas para o processo reencarnatório e, por isso mesmo, não será, inicialmente, estabelecida qualquer afinidade, entre você e eles, já que as intenções são antagônicas. Entretanto, contarás com apoio necessário de uma eficiente instrutora dessa estância espiritual, a quem tratamos de “Servidora Leal de Jesus”, que estará cumprindo tarefas no plano material durante alguns anos. Contudo, a sua ajuda só poderá ser levada ao efeito almejado se contar com a sua sensibilidade mediúnica, que aflorará já no período da adolescência.

David ouvia atentamente as orientações que, embora úteis, não deixavam de afligir a sua mente, por entender que, no palco no mundo, as atuações não são baseadas, apenas, na arte da imitação, mas sobretudo, na própria realidade íntima. Ele sabia que para galgar o êxito desejado, precisava, antes, compreender a cada um dos espíritos encarnados ou desencarnados, ser paciente, tolerante e pôr sempre à frente das suas ações o amor ao próximo, já que, do grupo conflituoso, ele era o único que se encontrava em melhores condições morais e psicológicas, pois na existência anterior, por volta da segunda metade do século XIX, na Inglaterra, havia vivido sérios conflitos junto a esses mesmos espíritos, sem, contudo, se deixar contagiar pela negatividade. O seu posicionamento fora de compreensão, cooperação e tentativa de pacificação, embora não tenha logrado o êxito desejado.

- Consideramos de bom proveito - continuou o instrutor na sua explanação -, deixá-lo ciente das situações diversificadas destes irmãos com quem deverá conviver direta ou indiretamente: alguns deles, afetados pela vaidade e pelo orgulho, embora o meio educativo lhes exija uma existência simples e sem os ilusórios destaques sociais, poderão fazer uso da desonestidade como meio para satisfazer o orgulho de que ainda são portadores. Outros, porém, que esbanjaram os bens materiais que lhes foram confiados, deverão enfrentar dificuldades para a sobrevivência e, durante o processo de reeducação moral, não conseguirão além da satisfação do estritamente necessário. Contudo, a permanência nessa situação poderá ser abreviada, a depender da paciência, da compreensão e do esforço empreendido, ou ampliada, caso se deixem arrastar pela revolta e inconformação.

“Cito como exemplo Anny e Brigid, que serão por você reencontradas, vivendo em situações adversas em relação à existência anterior. Anne viverá, durante período que poderá ser curto ou longo, a depender dela mesma, sem direito à posse de bens materiais, oportunidade de se reeducar, aprendendo a valorizar os bens que são colocados ao

dispor para o equilíbrio da vida, na matéria densa. Brigid, no entanto, terá que experimentar as mesmas dificuldades, mas ainda na infância os rumos serão mudados.

Depois de uma pausa intencional para reflexão, o instrutor voltou a falar:

- Mary Catherine e Dikson, que malbarataram, conforme você sabe, a reencarnação passada, já se encontram reencarnados há quase três décadas, convivendo conjugalmente num lar, onde receberão como filhos alguns dentre os que, por eles, foram abandonados. Descarnados e já a postos, esperando a melhor oportunidade, se encontram Charles, que se juntou a Emilly e alguns que foram filhos, tanto de um quanto de outro, desorientados pelo sentimento de vingança, serão, para você, um campo de ação, do qual não deverá recuar se quiser, realmente, dar proveito positivo à sua reencarnação como nos tem demonstrado.

Aproveitando uma pausa feita pelo instrutor, David, apesar de evitar as lembranças dos acontecimentos dolorosos, revia os fatos, minuciosamente, como haviam ocorrido e pensou: de que maneira terei de conhecê-los, já que eu mesmo viverei com outro nome e um corpo físico diferente? Qual será o meu papel diante dela, minha irmã do passado e daquele que a ajudou a deslizar no abismo moral? daquelas com quem convivi na condição de esposo, pai... E a mentora de quem receberei o apoio necessário, como a identificarei?

Percebendo os pensamentos do seu tutelado, o instrutor asseverou:

- Apesar de situações dificultosas, não lhe faltará ajuda nos momentos necessários. Lembro-lhe que, além da mentora, citada há pouco, que atuará pela sua mediunidade conforme a programação elaborada, Bernard, que já se encontra reencarnado, será para você um importante apoio. Também ao seu lado estará Adrian, que, com uma importante bagagem moral e espiritual, retornou recentemente à Terra, levando no seu programa reencarnatório como principal tarefa a caridade. Se você não falhar nos seus propósitos, será ele um importante aliado

num determinado momento da sua existência. Na verdade, você não os identificará pelos nomes atuais, contudo, pela sensibilidade mediúnica, quando ante a presença dos que deverão permear o seu caminho, pressentirá sem dificuldade se se trata daqueles que caminharão contigo paralelamente, colaborando nas tarefas redentoras ou se diz respeito aos que serão o seu campo de ação libertadora.

Fez nova pausa e concluiu:

- Confie naqueles que te apoiarão, contudo, coloque diante das suas ações a luz emanada do amor do mestre de todos nós, que será como um farol a iluminar os seus caminhos no mundo. Ame! Sobre tudo, ame a todos sem distinção. Externe esse amor pela palavra que orienta, pelo gesto atencioso que alegra, pela esperança que conforta, pela paciência que exemplifica, pela caridade que acalenta, pela alegria que levanta o ânimo e, enfim, pela união que estabelece a força para viver e superar as dificuldades.

Vá, querido irmão! Confie, sobretudo, em Deus, mas não se esqueça de confiar, também, em você mesmo! Afinal, mesmo quando temos certeza da ajuda constante do alto, a tarefa depende sempre da nossa ação.

David retirou-se do local, já acompanhado por alguns espíritos designados para ajudá-lo no processo da reencarnação, que ocorreria em breve, na pequena cidade de Antonina, no estado do Paraná.

## TRINTA E DOIS ANOS DEPOIS

BRISA SUAVE SOPRAVA LEVANDO o frescor das águas que, dispersas em ondas, tocavam a areia branca da praia, cujo ruído poderia ser comparado a notas da sinfonia harmoniosa da natureza. Sentindo o olor agradável das algas marinhas, Stevens, apesar de ali se encontrar movido pela ideia de suicídio, passou a experimentar uma agradável sensação. A sua existência até então, era repleta de desarmonias, notadamente em relação à convivência com os seus familiares e de

insatisfações consigo mesmo, por causa dos desacertos que causavam a descrença e a desconfiança nos outros, em si e até mesmo em Deus, o que, certamente, tornavam-no insensível às belezas ostentadas pela natureza.

Aquela, entretanto, não era a primeira vez que visitava o lugar, onde, em época de verão, acostumara-se a desfrutar, sem se importar com os cuidados que se deve ter para com os limites do corpo físico e as observações que se deve manter em relação ao cultivo do equilíbrio emocional, por causa do estado de amargura que lhe tirava, para isso, todo o interesse. No entanto, estava sozinho, já que era época de inverno e os frequentadores do costumeiro banho de mar não encontravam atrativos a ponto de motivá-los a estarem ali. Entretanto, observado pela ótica da sensibilidade, a beleza do mar é, em si mesma, um dos maiores atrativos do planeta.

Sentou-se numa pedra, de onde intencionava atirar-se nas ondas impetuosas do mar, imaginando que, com a morte do corpo físico, tudo acabaria. Mas com o toque da água resfriada pela baixa temperatura banhando os seus pés a cada onda, as baixas vibrações produzidas pela sua situação psicológica negativa foram esvaindo-se aos poucos, proporcionando-lhe repentina melhora. Surpreendido com a nova situação íntima, ao constatar que se encontrava realmente só no local, fixou o olhar nas irrequietas ondas do mar e estabeleceu o seguinte diálogo:

- Ó ondas! Se não desfruto da simpatia e nem da tolerância dos mais próximos; se não encontro respostas para as minhas indagações; se ainda estou vivo por simples medo de findar a existência, intenção que me trouxe aqui; se não encontro respostas para os meus desatinos e desesperos íntimos, o que me tira a vontade de viver, que me resta então, se não, já que banham carinhosamente os meus pés, ensejando a paz que nunca antes registrei, pedir que me deixem ser seu amigo! Permitam que este ser sem direção e rumo certos sinta por vocês amizade e gratidão, já que não tem conseguido por qualquer outra criatura humana a não ser a sua mãe.

Parou por alguns instantes e em seguida prosseguiu imprimindo um tom suave na voz:

- Ó ondas! Pela natural singeleza com que vêm a mim, revelem-me algo que possa me convencer da existência de Deus! E se for Ele uma verdade, clamem aos céus por mim, pois eu não sei... Não conseguiria ser ouvido, porque a minha voz, o vento leva sem rumo certo e os meus pensamentos desencontrados não galgariam êxito se dirigidos a uma divindade, pois não despertariam interesse, já que partem de um ser abjeto... Eu mesmo!

Parou de falar, ao sentir que lágrimas quentes banhavam as faces. Instantes depois, completou:

- Absorvam as minhas lágrimas, pois são elas neste momento o que tenho a oferecer.

Mesmo de olhos cerrados, as lágrimas desciam gota a gota, confundindo-se com a imensidão do mar. Após momentos nesse estado íntimo, ainda de olhos fechados, percebeu um foco de luz se deslocando nas ondas. Imaginando fosse o reflexo de uma estrela, abriu os olhos e, olhando para o alto, constatou que não se tratava do reflexo de qualquer estrela, pois o sol ainda lançava raios luminosos. Temeroso, ao dirigir novamente o olhar para o mar percebeu que o foco de luz, à proporção que se aproximava dele, tomava a forma humana. Assustado, tentou evadir-se, contudo, as pernas trêmulas não suportando o peso do corpo fê-lo sentar-se novamente onde antes se encontrava. Pôs as mãos nos olhos, tapando-os, mas ainda assim viu a entidade espiritual belíssima se aproximar e com voz suave e bastante agradável dizer-lhe:

- Admiras-te de ver uma tênue luz transformar-se em forma humana e não crês que haja um Criador de todas as coisas, de todos os seres, inclusive de ti mesmo? Contemplas a beleza do mar com o bailar constante das ondas, mas não consegues buscar, por vias do amor, a condição de apreciar beleza ainda maior, como uma voz materna que, amorosamente, transforma palavras em cântico de amor para salutarres conselhos? Por que afastar a beleza destacável da manifestação de

amizade dos que tentam de ti se aproximar, já que Deus fala e a sua voz ecoa num coração de mãe, num sorriso de criança, num abraço ou aperto de mão, na ação da caridade, no perdão que reconcilia, na vida em movimento, na beleza da flor e no canto das aves? Em tudo Deus revela o Seu amor!

Depois de pequena pausa prosseguiu:

- Fala incessantemente pela tua consciência, na qual estão circunscritas as leis eternas e imutáveis.

Fez novamente uma pausa e voltou a falar:

- Tudo que precisas já se encontra em ti mesmo, que foi criado para a eternidade. Desperta e segue em frente! Ama, e tudo o mais te virá como efeito de causa. Não tema! Eu estarei doravante contigo, pois muitos nos aguardam para o consolo das suas dores morais e Jesus confia em nós.

Incorajado e sentindo um bem-estar que ainda não havia registrado naquela existência, apesar de imaginar que se encontrava diante de um fantasma,<sup>1</sup> do que tinha muito medo quando criança, pensou, mas antes de perguntar, a entidade espiritual que, por enquanto, a chamaremos de Espírito do Mar, respondeu:

- Sou apenas um dos mais ínfimos dentre os servidores do mestre de todos nós - falou, dando a entender que estava encerrado o diálogo, mas percebendo que o seu interlocutor demonstrava-se bastante surpreendido com o que ouvia, explicou:

- Há vida e trabalho redentor na crosta da Terra, sob ela, acima dela e da superfície às profundezas dos oceanos, sem falar no Universo, vibrando por inteiro, nas ondas do amor do Criador.

Ao dizer isso, a entidade espiritual foi tomando a mesma forma do foco de luz visto antes por Stevens e, aos poucos, foi se afastando e ganhando a imensidão do mar. Acompanhando-a, dezenas de pontos

---

1 Expressão popular referente a espíritos desencarnados.

de luz que davam ideia de um cortejo a deslizar suavemente sobre as ondas irrequietas do mar.

Ao ver de perto aquela entidade espiritual, mesmo sem haver compreendido o fenômeno, Stevens, bastante impressionado, disse para si mesmo:

- Não sei o que significa! Contudo, tenho certeza de que se trata de um ser vivo e que a sua fisionomia não me é estranha.

Estava certo o seu pensamento, pois se tratava da mentora espiritual a qual o instrutor se referira, conforme narrado anteriormente.

Até aquele momento, na presente existência, Stevens ainda não havia despertado, mesmo em forma de intuição, sobre qualquer vestígio a respeito da vida espiritual. Contudo, ao deixar o local, estava convicto de que as imagens que se delinearam bem aos seus olhos, eram, sim, uma prova de que a vida prosseguia após a morte do corpo físico.

Depois de ter caminhado por mais ou menos meia hora, sentindo o frescor da água nos pés, percebeu vindo em sua direção um homem aparentemente de meia-idade, mas de barba e cabelos longos, já embranquecidos, contrastando com a pele avermelhada, provavelmente efeito das longas exposições aos raios solares.

- Boa tarde! - cumprimentou-o alegremente, como fazem os que já cultivam uma amizade e, estendendo a mão, continuou falando: - Bem-vindo a este recanto que nos inspira recolhimento e paz.

- Sim... É mesmo! - respondeu Stevens, reticencioso e sem muito ânimo, pois naquele momento preferiria continuar a sós com os seus pensamentos. Mas, ainda assim, perguntou:

- O senhor deve gostar muito daqui, não é mesmo? - perguntou por causa da baixa temperatura que os termômetros assinalavam naquele dia, excepcionalmente na praia.

- Diria que é tudo para mim! O mar e os seus mistérios, ainda não completamente sondados.

O jovem gostando do que ouvia, travou o diálogo a seguir:

- A que mistérios o senhor se refere?



- A tudo que ainda não conhecemos, pois quando desvendamos, deixa de ser visto como algo misterioso.

- O senhor costuma vir aqui, até mesmo durante o inverno?

- Estou sempre aqui, porque moro bem ali - apontou com a mão.

- Esse local é muito desolado, excepcionalmente nessa época de frio.

- Não há obstáculos para quem se deixa conduzir pelas rédeas do amor. Sou amante das águas e o mar é a minha vida, pois principalmente nele é que me inspiro a ponto de sentir a presença do Criador.

Bastante surpreendido com o que ouvia daquele homem, a quem não atribuiria qualquer indício de cultura, por causa da simplicidade da roupa com a qual se vestia, como fazem os que ainda tentam julgar pela aparência, continuou o diálogo:

- O senhor acha, mesmo, que há algo além de nós?

- Assim como visualizamos a imaginária linha do horizonte, sem que exista materialmente; como sentimos o ar que respiramos, mas que não pegamos com as mãos, dentre outros, podemos sentir Deus, desde a nossa intimidade, gerando pensamentos, despertando sentimentos... Criando e nutrindo a vida e conservando-a em equilíbrio por meio de leis eternas; o movimento dos astros e a interligação dos mundos pela sinfonia universal do seu amor. Não foi o homem quem criou o mar, essa incomparável beleza que contemplamos e, sobretudo, a vida que nele é mantida. Se não foi o homem, pergunto jovem, quem, se não Deus?

O pescador silenciou dando ensejo ao entendimento do jovem visitante, mas este, sem ainda ter alcançado o sentido real do que ouvia, ficou a pensar:

- Ora, se isso fosse possível, não seria assim a minha vida, sem perspectivas de melhora das minhas reais necessidades íntimas, sem encontrar o caminho para tentar mudar a mim mesmo. Sem falar no mundo, que pede socorro para não se degenerar de vez, assim como o processo a que me deixei arrastar até sentir a vida assim como estou.

Depois desse pensamento, vendo o pescador mirando, admiravel-

mente, os reflexos das primeiras estrelas, no vai e vem das ondas, Stevens interrompeu-o:

- Por que, então, esse suposto Deus é incapaz de amainar, por exemplo, o sofrimento, às vezes sem trégua, em tanta gente que sequer imagina o porquê?

O pescador respondeu com um sorriso característico de um íntimo em paz:

- Somos livres para agir, contudo, respondemos pelo resultado das nossas ações. Tudo começa pelo pensamento, no qual surge a vontade e esta, alimentada, toma feição de desejo que, bom ou ruim, acabamos por satisfazê-lo. É justamente aí onde estamos semeando livremente. Mas a colheita obrigatória nos mostra que, quando estamos vivendo em paz, alegres e positivamente satisfeitos, provavelmente plantamos o bem. Da mesma forma, quando o viver não é satisfatório por causa do sofrimento, podemos afirmar com segurança que a semente não foi bem selecionada e acabou produzindo a dor, a tristeza... O sofrimento, em geral. Para ser mais claro, como todo efeito origina-se de uma causa, resulta o bem ou o mal, a depender da qualidade moral da ação.

Stevens, embora relutasse, começou a compreender que as suas desilusões e a revolta que portava no íntimo poderiam ser efeitos. Mas onde estariam as causas? - Perguntou e logo o pescador assim se expressou:

- Se você não as identifica e tem certeza de que não ocorreram na atual existência, é possível que pela necessidade da reencarnação estejam esquecidas. Mas na verdade, se há efeitos que lhe agradam ou desagradam, eles são seus, pois significam colheita do que foi semeado pela sua própria vontade.

Depois de pequena pausa, o diálogo prosseguiu:

- Se erro, então - falou o jovem - é possível que a causa seja a falta de conhecimento. Ora, se sou ignorante de determinadas coisas ou situações, como ser castigado por algo que ainda não sabia fazer melhor?

- Não se trata de castigo, e sim de reparo. É, sem dúvida, um sábio

mecanismo de educação ou reeducação. Mesmo porque, não nos falta a necessária ajuda, já que Deus estabeleceu todos os recursos para o nosso crescimento em Suas leis imutáveis, as quais se encontram circunscritas na consciência, medidora dos nossos atos. Sem esquecermos de que às vezes a ajuda esperada nos chega por meio de quem nunca antes imaginamos! O canal pode ser qualquer um de nós, que vivemos ainda no corpo físico, ou muitos que já o perderam pelo fenômeno da morte.

- O senhor quer me dizer que os mortos podem nos prestar serviços?

- Mortos não, porque a vida é perene. E o ser, que é imortal, prossegue além do túmulo portando no íntimo os resultados do que tenha feito de si mesmo.

Stevens silenciou pensando no fenômeno que havia há pouco presenciado e quis saber:

- Espíritos? Onde ficam eles, já que comumente não os vemos?

- No mundo espiritual... Podem ser encontrados em toda parte... Aqui mesmo, em volta de nós, ouvindo a nossa conversa; sobre ou embaixo das inquietas ondas do mar, onde também há atividades inerentes ao crescimento moral, despertando cada vez mais a consciência.

Percebendo que Stevens ficara pensativo, o pescador sugeriu que caminhassem um pouco e depois de percorrerem alguns metros, apontou sorrindo;

- Eis ali o lar, o meu doce lar!

Stevens olhou na direção apontada e não conseguiu esconder o espanto, facilmente visível no semblante. Era uma casa com paredes de taipa e cobertura composta de palhas de palmeira.

- O senhor não tem família?- perguntou o jovem depois de constatar que não havia ali mais ninguém além deles.

- Tenho uma enorme família, pois cada ser que eu encontro é para mim um irmão.

- Como consegue manter esse sorriso como se fosse feliz, sem uma companheira, filhos... Alguém para amar e dividir as emoções?

- Penso que para cultivar o amor a ponto de se sentir feliz, mes-

mo sendo de grande importância, não é indispensável estar acompanhado de parentes consanguíneos, já que o ideal é amar a todos como a nós mesmos. E quando isso nos ocorre, jamais nos sentiremos solitários. Acaso, estou só neste momento? E você não é meu parente consanguíneo!

O jovem visitante, depois de refletir por alguns minutos, lamentou entristecido:

– Eu, no entanto, tenho uma família e me sinto só desde a infância!

Era a primeira vez que Stevens, jovem de trinta e dois anos, mas que ainda não havia realmente sentido a vida, ouvia conceitos semelhantes. A sua família composta por pessoas que faziam do interesse material o único sentido da vida, hostilizava-o pelo fato de ele, desde a infância, demonstrar que o seu pensamento não convergia com o dos demais. Sentindo-se deslocado, estranho e inseguro no próprio lar, não conseguia firmar-se em algo que lhe proporcionasse uma perspectiva de vida, quer pelo estudo, que abandonou antes de completar o curso que almejava, quer pelo trabalho junto ao pai e demais irmãos, desculpando-se por achar que não se daria bem com eles, pois não havendo afinidade se tornaria difícil o necessário entendimento. Sem meios para compreender o porquê de assim ser tratado, aderiu, aos poucos, ao menosprezo por si mesmo, até perder por total a autoestima. Assim é que, desesperado, deliberara dar fim à própria existência, intenção que o havia conduzido à praia. Entretanto, as ondas impetuosas do mar agitado, que poderiam tê-lo levado, trouxeram a visão espiritual em forma de socorro, provando que nunca estamos sós, mesmo quando nos deixamos arrastar pelo desespero.

NAQUELE DIA, considerado por ele fatal, por causa das suas intenções, havia despertado cedo, com os insultos dos irmãos e a dureza do pai, que não aceitava qualquer tipo de explicação ou simples argumento que não fosse a sua vontade. Ao chegar à sala, onde todos se encon-

travam para o café da manhã, percebeu na fisionomia do pai o visível desagrado ao vê-lo se aproximando.

- Quero aproveitar essa oportunidade - falou Orlando autoritário - para lhe dar um ultimato: ou começa, hoje mesmo, a trabalhar conosco, ou segue o destino dos que nada querem. Chega de alimentar e dar vida boa a quem, como você, não quer nada! Estou cansado de prestar satisfação aos amigos, que insistentemente procuram explicações sobre o seu comportamento! Será que não dá para perceber que os seus irmãos acatam a minha vontade? Eles terão a sua recompensa por me obedecerem e estarem comigo trabalhando! Você, já que não quer seguir a minha orientação, busque o seu próprio rumo! Cuide da sua vida, longe dos meus olhos!

Stevens, sem qualquer reação, por saber desde criança dos modos brutais do pai, principalmente quando sentia sua vontade ameaçada, ouviu-o em silêncio, sob a satisfação e o riso zombeteiro dos irmãos e a conivência da mãe, já que nada dissera em sua defesa. Quando deu o primeiro passo para sair, parou ao ouvir novamente a fala do pai:

- Não terminei ainda de falar! Fique sabendo que a culpa de você me trazer essa contrariedade é de Stela, que relutou em aceitar a minha orientação. Acho que eu estava adivinhando! Caso contrário, você sequer estaria aqui, agora, a tirar a minha tranquilidade.

Mesmo sem alcançar o real sentido do que Orlando dissera, para Stevens a revelação foi como uma condenação. Sentindo-se um intruso na família, o jovem saiu porta afora, convicto de que não valia a pena continuar vivendo.

ALI, NO ENTANTO, QUE A ATENÇÃO do pescador lhe agradava, percebia que era a primeira vez que alguém conversava sem censuras pelo seu modo de proceder, sem perguntar absolutamente nada em referência ao que ele pensava ou fazia. Dessa maneira, sem vontade de se afastar do pescador, as horas foram passando e quando se deu conta já era bem tarde. Mas percebendo a sua repentina inquietude, Juvenal, o pescador, disse-lhe a sorrir:

- Se quiser pode ficar. Não é confortável para quem experimenta, pela primeira vez, a dureza de uma cama de tábuas. Para mim, no entanto, que estou acostumado, é bastante agradável!

Stevens respondeu com um sorriso sem muita graça, pois estava com o íntimo afetado pela tristeza:

- Se não for incômodo...

Apesar da falta de conforto a que estava acostumado, Stevens, longe dos insultos dos irmãos e das censuras constantes do severo pai, logo que ajeitou o corpo numa posição menos incomodativa adormeceu e, em sonho, assim acreditava, via o pescador como se estivesse duplicado: o corpo físico em sono profundo na cama, mas ao mesmo tempo em pé a sorrir na sua frente. Vendo-o, sentiu-se impactado! Notando, o pescador falou com firmeza:

- Há nessa situação um pouco de semelhança com o fenômeno da morte do corpo físico. A vida, independentemente daquele fardo material - falou apontando para o corpo físico de Stevens que continuava em sono profundo -, prossegue, porque é imortal. Por agora, você ainda não consegue compreender esse fenômeno com clareza, porque se encontra dormindo. Não me refiro ao corpo físico, mas sim a você, espírito. Tudo tem a sua melhor hora! Essa hora não está longe - falou estendendo a mão:

- Venha comigo!

Ao segurar a mão do amigo, o jovem sentiu-se leve. Em vez de passos, começaram a dar saltos de vários metros. Impressionado, ao chegar à pedra onde horas antes estivera, perguntou:

- Por que o meu corpo está assim tão leve?

- Não imagine que é, apenas, por você estar, como eu mesmo, semidesligado do corpo físico, pois só a tristeza que você dá guarida em seu íntimo seria o suficiente para sentir a sensação de peso, mesmo em corpo espiritual.

O pescador soltou a mão do jovem amigo e sugeriu:

- Agora tente dar o mesmo salto!

Ele tentou, mas sequer conseguiu tirar os pés da pedra. Sem entender, dirigiu um olhar interrogativo e o pescador, a sorrir, estendeu a mão:

- Segure-se aqui e tente!

Stevens percebeu que estava no ar e gritou:

- Socorro, me ajude, vou cair!

O pescador, rindo alegremente, ao tocar os pés no chão, explicou:

- Fundimos a nossa vibração e, já que sem qualquer tristeza ou contrariedade, com o íntimo leve e suave, como me sinto nesse momento, pude dividir com você e você comigo. É lógico que à proporção que você se sentiu mais leve, eu me senti um pouquinho mais pesado. Deu para compreender?

- Acho que... sim.

Subiram no mais alto da pedra e o pescador sugeriu:

- Vamos pular na água?

- Não! Eu, além de não saber nadar, não estou mais com a ideia de suicídio!

Juvenal riu à vontade da atitude temerosa do novo amigo e, em seguida, procurou acalmá-lo:

- Experimente! Não precisa saber nadar e sim ter vontade... Querer mesmo! Venha! - falou estendendo a mão e em instantes encontravam-se nas profundezas da água fria do mar, o que é normal durante a estação de inverno na região onde se encontravam. Stevens não cabia de surpresas e admiração naquela aventura, em que se deslumbrava com as belezas da paisagem marítima e os peixes, desde os de tamanho minúsculo aos enormes, que passavam por eles descontraidamente, o que despertou a curiosidade do visitante, que apesar de amedrontado, quis saber:

- Eles são assim mesmo mansos?

- Não! Eles não nos enxergam!

- São desprovidos de visão?

- Não, Stevens! Estamos em corpo espiritual, que é composto de

matéria mais sutil. Não são apenas eles que não conseguem nos ver. Qualquer pessoa em estado de vigília, também não, a não ser quem já desenvolveu a vidência. Nós estamos, neste momento, em relação à vida material, em outro plano.

- Mas aqui não é o mar?

- Não há lugar definido para se viver. Acalme-se e logo você compreenderá.

Soltou a mão do jovem amigo e depois de deslizarem no líquido, cuja temperatura não lhes causava sensação de frio, o pescador interrompeu as observações de Stevens:

- Pense em algo alegre ou resultado de uma boa ação, já que o bem gera o bem.

- Bem... Eu acho difícil focalizar algo assim!

- Não tenha pressa.

Depois de alguns minutos ele disse:

- Oh! Eu havia esquecido de mãe Madá. Ela é a única pessoa que até agora me traz recordações alegres.

Instantes depois, vendo-o concentrado em um determinado ponto, perguntou-lhe:

- O que você está vendo?

- Pontos fluorescentes. O que é isso?

- Vida perene.

- Quem, então?

- São espíritos que buscam o seu despertar, desenvolvendo desde as mais simples às mais elevadas atividades, de acordo com a sua capacidade.

- E isso é mesmo verdade?!

- Você está vendo ou desconfia de si mesmo? O homem, ao perder a autoconfiança, não faz por merecer o crédito de outrem.

Depois de uma pausa para reflexão, o diálogo continuou:

- Que fazem eles, então? - quis saber o jovem.

- Não há como especificar em poucas palavras, porque se trata de uma



grande dessemelhança no nível evolutivo, conseqüentemente, nas atividades, levando em conta a capacidade de cada um, como disse há pouco.

Percebendo que o jovem amigo prosseguiria perguntando, ele, então, concluiu:

- Por agora, você ainda não entenderia, pois, o conhecimento pode ser comparado a uma construção: Pedra sobre pedra...

Interromperam o diálogo para ouvir um cântico de rara beleza, cuja voz, cheia de doçura, exteriorizava a nobreza de um sentimento puro e cheio de vibração amorosa.

Stevens aguçou a audição perispiritual e pôde ouvir um pequeno trecho da composição musical, que dizia:

*- Bem-vindos sejam ao eterno labor*

*Dos que veem o trabalho*

*Como ação do amor...*

Demasiadamente emocionado, o jovem visitante do mar voltou ao corpo físico e acordou. Não se lembrava de todos os detalhes, contudo, jamais esqueceria a beleza daquela voz em tom feminino que acabara de ouvir. A pequena casa não se encontrava totalmente escura, porque os raios do clarão da lua penetravam por falhas do teto de palha. Assim, dirigiu o olhar em direção à cama do pescador, que também acordado perguntou-lhe:

- Gostou do passeio?

- Do sonho, quer dizer?

- Sonho verdade!

Percebendo que o jovem amigo enchê-lo-ia de perguntas, mas que não se encontrava, ainda, na condição de compreender por causa do seu estado emocional, sugeriu:

- No momento oportuno, conversaremos sobre isso. Vamos aproveitar o sono, porque ao amanhecer de cada dia tenho muito o que fazer.

O dia, ainda amanhecendo, Juvenal, o pescador, empurrou uma canoa até a água e seguiu para a sua costumeira pescaria. Mais tarde, já com os raios do sol aquecendo a vida, Stevens despertou ouvindo

a voz do pescador a cantarolar alegremente. Levantou-se e ao ver a canoa repleta de peixes, perguntou admirado:

- O senhor pesca todos os dias e consegue resultado como este?
- Às vezes até mais do que isso.
- Vende-os?
- A maior parte, não.

Curioso para saber como vivia aquele homem do mar em quem notara tanta sabedoria, Stevens continuou perguntando:

- Que faz então com eles, já que aqui não tem condições de guardá-los?

- O alimento é para saciar a fome. Guardado, nada valerá. Se estiver disposto a me ajudar, saberá logo, logo o que faço com eles.

Depois de pequena pausa, completou:

- Os que podem, pescam ou compram. E os que não podem pescar ou comprar? A necessidade grita mais forte, meu filho! Venha comigo a um mundo que você, certamente, não conhece!

Stevens ajudou Juvenal a retirar os peixes da canoa e colocá-los em um velho carro de madeira. Logo que concluíram, o pescador perguntou:

- Vai comigo?

- Sim! E por que não? Não é apenas empurrar o carro e fazer entrega dos peixes?

- A cada dia, o seu próprio labor, disse o mestre dos mestres. A lição é ampla, podendo ser entendida de variadas formas. Na minha pouca capacidade de compreensão, penso que, embora nos pareça uma repetição o que fazemos todos os dias, nunca é igual, mesmo que cumpramos os mesmos deveres, seguindo a mesma trilha. Surpresas podem ocorrer e mudar o que denominamos de rotina.

Depois de fixar o olhar em direção ao jovem amigo, voltou a perguntar:

- Você está disposto a me acompanhar, mesmo correndo o risco de não ser compreendido pelo meio social em que vive?

- A essa altura dos acontecimentos e diante dos desgostos e das decepções sofridas, não tenho mais o que temer. Afinal, que é empurrar um carro cheio de peixes ante a possibilidade de um suicídio, como era ontem a minha intenção?

Seguiram empurrando o carro que, pesado, rangia sobre a areia da praia. Uma hora depois entravam em uma rua, a qual Stevens conhecia, pois era onde residia. Surpreendido, porque não imaginava passar por ali, seguiu cabisbaixo, sem olhar em volta, pois lhe faltava coragem para encarar as pessoas conhecidas... Vizinhos, por exemplo. Notando, Juvenal sugeriu:

- Você é um ser livre. Se quiser, é só usar a liberdade e não fazer o que sugiro, mas o que o seu íntimo pede.

- Meu íntimo pede ceder ao temor, mas acho que devo me disciplinar. Há liberdade sem disciplina?

O pescador respondeu sorrindo:

- Há libertinagem.

Seguiram em frente, mas antes de dobrarem a primeira esquina, um veículo, que vinha em direção, fê-los encostar o carro rangerdor junto ao meio fio da calçada, para dar passagem. Mas para surpresa, o veículo parou bem ao lado e o motorista saiu rapidamente, se dirigiu a Stevens e sem nada dizer esmurrou-o com tanta ferocidade, que logo ele caía com o rosto ensanguentado. O pescador segurou-o pelos braços e ajudou-o a se sentar no chão. Em seguida, voltou-se para o agressor, que já havia retornado ao veículo e disse-lhe:

- Toda ação, meu filho, gera uma reação. Experimente, em vez do ódio, um pouco de amor! Talvez isso lhe torne mais alegre e confiante na vida.

- Olha só - falou zombeteiro se dirigindo a uma jovem que também se encontrava no veículo - quem quer me dar conselho! Um pobre ignorante!

O pescador, calmo e seguro de si, respondeu:

- Sábios verdadeiros assim são considerados porque antes aprenderam a respeitar e, principalmente, a amar. Quem ama, não agride.

Quem sabe, em vez de censurar o que ainda ignora, ensina-o, principalmente, com o bom exemplo!

Em seguida voltou-se para Stevens e perguntou:

- Conhece-o?

- Ele é meu irmão.

- São, assim, desunidos?

- Sim. Mas nunca antes me agrediu fisicamente. Acho que sentiu vergonha de mim, por eu estar empurrando o carro.

- Odeia-o?

- Agora, ainda não posso responder, porque estou sentindo dor.

- Ainda quer ir comigo?

- Sim. Vou de espontânea vontade, porque jamais faria algo contra o que desejo, conforme a minha família quer.

- Então, por favor, teste a sua força empurrando sozinho o carro!

O pescador notara, sem dificuldade, que o jovem amigo se encontrava raivoso e com sentimento de vingança depois de ter sofrido a agressão. Assim é que sugeriu que ele empurrasse sozinho o carro, para dar vazão aos sentimentos negativos que se deixara acometer. Nisso, ele era mestre, pois acostumara a contrariar a sua própria vontade quando achava que deveria discipliná-la. Tanto estava certo que, depois de quarenta minutos, já chegando ao destino, Stevens parou o carro, olhou para Juvenal e disse:

- Acho que o esforço eliminou a contrariedade causada pelo meu irmão.

- Já pode perdoá-lo?

- Ainda não sei responder. Acho que preciso de mais tempo. Assim conversando, deram-se conta que haviam chegado, por causa da algazarra das crianças que se aproximavam. Em poucos minutos a carga do velho carro de madeira, que custou horas de pescaria, já havia sido distribuída.

Juvenal, percebendo o estado psíquico do jovem amigo, retirou-se para reunir os moradores numa rápida conversa, à guisa de orien-

tação, deixando-o propositalmente para que ele, por si só, percebesse o mundo da dificuldade e do sofrimento que ele havia se referido. Stevens, depois de olhar em volta, com os olhos esbugalhados, exclamou:

- Nunca imaginei existir o que vejo! Eles parecem mais mortos do que vivos!

Era um quadro de pobreza extrema, de tal maneira que causava, sobretudo, compaixão.

Ainda paralisado, na mesma atitude de espanto, percebeu que vinha a passos lentos em sua direção uma adolescente com um vaso nas mãos. Aproximou-se e disse com inibição:

- Moço, o seu rosto está sujo de sangue. Quer lavá-lo? Apesar da nossa carência, essa água é limpa e o vaso também.

Ele recebeu, lavou o rosto e ela, então, estendeu novamente a mão:

- Quer enxugar? Parece toalha, mas é apenas um paninho de tecido usado para fazer saco. Mas também está limpo.

Depois de enxugar o rosto com o pano à guisa de toalha, Stevens dirigiu o olhar ao rosto da jovem e depois de contemplá-lo por alguns instantes, disse-lhe:

- Você é linda, menina! Grato pela sua gentileza. Se eu puder ser útil...

Foi interrompido:

- Já foi, quando aceitou a minha pequena ajuda, pois eu imaginava que a recusaria.

- Como é o seu nome?

- Helenice.

Sentindo-se repentinamente atraído pela jovem, disse-lhe:

- Não esquecerei o seu gesto gentil e agradável.

Logo que Helenice saiu, a garotada começou a se aproximar do novo visitante, dando início a uma série de perguntas:

- Você me dá uma bola?

Outra lhe perguntou:

- Você me dá uma sandália? Olha como meus pés estão sujos de lama! Você pode me arranjar um caderno para eu aprender a escrever?

A cada pergunta expressa pela voz da necessidade, ele dizia sim, mesmo sem imaginar como iria atender aos pedidos, pois, como vimos, havia saído da casa dos pais e não dispoñdo de nenhum recurso, sabia que não deveria atender, apenas, os que pediam, mas a todos. As crianças alegres com a nova esperança de receberem o que haviam pedido foram saindo uma a uma. Quando Stevens imaginou que ficaria a sós para refletir o que via no momento, se aproximou uma garotinha de sete anos, mas tão raquítica que aparentava apenas cinco. Depois de permanecer alguns minutos parada em sua frente olhando-o, perguntou:

- Você chora quando não come?

- Acho que só quando eu era bem pequeno, porque não sabia falar. Agora não, porque eu sempre...

A criança interrompeu-o:

- Pois eu não sou mais pequenininha, sei falar, mas ontem eu chorei o dia todo.

- Passou todo o dia sem nada comer?!

- Hoje eu vou comer, porque mamãe vai cozinhar o peixe e fazer pirão.

- Você tem pai?

- Mamãe diz que eu tenho um pai, mas ele foi embora antes do meu nascimento.

Stevens cobriu o rosto com as mãos, mas não impediu que as lágrimas rolassem rosto abaixo. Nascera e crescera num lar onde o melhor que existia na época era ostentado pelo prazer da família de demonstrar as possibilidades que desfrutava, como destaque na sociedade em que vivia. Ele, que deixava para trás todo conforto e facilidade, por não aceitar a valorização individual, tão somente pelo que possuía, ali se encontrava diante de tantos que desejariam muito, estar no seu lar.

A menina ficou olhando para ele e quando percebeu que ele enxugava as lágrimas, falou:

- Acho que você não comeu ainda hoje e por isso está chorando. Venha! Vou pedir a mamãe para dividir a minha comida com você.

- Não é preciso, porque eu não estou com fome. Como é o seu nome?

- Xandinha.

- Esse é o seu apelido. Deve ter um nome verdadeiro.

A criança saiu correndo. Instantes depois, voltou já falando:

- Mamãe disse que o meu nome é Sandra.

- Muito bem, Sandrinha...

- Não! - protestou ela - me chame de Xandinha! Eu gosto.

- Está bem. Eu não quero que você chore tanto assim por não ter o que comer. Prometo que vou secar as suas lágrimas provocadas pela fome!

O pescador foi rápido com a habitual orientação que dava aos moradores do lugar, por entender que a necessidade fala mais alto. E os estômagos vazios reclamavam o peixe, que ainda seria cozido. Vendendo-o, Stevens se aproximou cabisbaixo:

- Nos conhecemos desde ontem e sequer perguntei o seu nome.

- Juvenal, todo ao seu dispor.

- Eu gostaria de saber se o senhor pode me ensinar a pescar. Eu preciso, urgentemente, ganhar algum dinheiro!

- Tem certeza de que não deseja retornar ao seu lar?

- Talvez ainda queira. Contudo, não devo!

- Não se preocupe! Conforme a afirmação popular, onde um come, dois comem - falou, como sempre, sorrindo.

- Pela sua expressão de bondade e generosidade, sabia que essa seria a sua atitude para comigo. No entanto, eu acabei de assumir um compromisso e desejo cumpri-lo sem falta!

Percebendo que o pescador ficara curioso, mas por discrição não quis perguntar de que se tratava, falou do diálogo que tivera com a menina e concluiu:

- Acho que o objetivo me fará perder o medo do mar e esquecer até que não sei nadar!

Juvenal, experiente no mar, passou a falar do encanto das águas, mas também dos perigos constantes que enfrentam todos aqueles que se propõem a sobreviver da pescaria.

DEPOIS DE AGREDIR Stevens, Gildo ligou o veículo, comentando com Cecília, a namorada, no interior do carro:

- Onde já se viu tanta vergonha?!

- Quem é esse homem e o que ele fez para despertar em você tanto ódio, a ponto de agredi-lo de maneira tão brutal?!

- Sinto-me constrangido em dizer que aquilo é meu irmão.

- E você o agride de forma tão violenta? Por que isso, Gildo?

- Posso tolerar esse idiota empurrando um carro para vender peixes? Isso dá a entender que somos pessoas péssimas! Nem vou comentar isso em casa para evitar que a minha mãe ou o meu pai morra de um ataque cardíaco.

Instantes depois parou o carro numa rua sem movimento, pôs a mão por baixo do banco, pegou alguma coisa e falou mostrando a Cecília:

- Eu estou muito nervoso. Preciso dar algumas baforadas.

Ao perceber que o namorado aderira ao uso da maconha (nome popular da erva *cannabis*), Cecília, que pertencia a uma família conservadora dos bons costumes, sentiu-se decepcionada:

- Gildo, eu quero ir para minha casa, agora!

Momentos depois, ele parou o veículo e Cecília falou enquanto levantava para sair:

- Foi bom enquanto durou. Eu não posso continuar com você. Para isso, eu teria, de qualquer jeito, de aderir aos seus hábitos. No entanto, eu quero algo melhor para minha vida!

Gildo, raivoso, bateu com a mão fortemente no volante, disparando a buzina do carro, o que chamou a atenção do pai dela, o doutor.



Mário, médico particular da família de Orlando, que havia chegado recentemente ao lugar. Vendo o veículo sair a toda velocidade e ziguezagueando pela rua afora, dirigiu um olhar cheio de interrogação à filha, e ela então narrou, sob o olhar espantado do pai, que a interrompeu:

- Fez muito bem! Lamento pelos pais dele, que são por demais cuidadosos com a aparência e com o conceito perante a sociedade. Quanto a você, distância!

Gildo chegou a casa, com a fisionomia transtornada. Além do efeito da droga, o ódio do irmão, a quem atribuía o término do namoro com Cecília, dava-lhe uma feia aparência. Percebendo, Stela, a mãe, perguntou aflita:

- Você está bem, Gildo?

- Não, mãe, eu não estou bem. Encontrei Stevens!

- Encontrou-o? Que bom! Eu estava muito preocupada, imaginando que ele tentaria contra a vida. Onde ele se encontra?

- Nem é bom a senhora saber. Fiquei tão revoltado que acabei esmurando-o! Talvez, só assim, ele crie vergonha!

- Gildo, você agrediu seu irmão em público?! Que falta de compostura! Não vou poder, por um bom tempo, ir ao clube. Tenho certeza de que logo, logo todo mundo ficará sabendo desse ato vergonhoso!

- Ato vergonhoso é Stevens empurrando um carro velho de madeira para vender peixes pela rua.

- Não me diga! Isso é ultrajante! - falou já se retirando para o quarto.

A família gozava, realmente, de alto conceito pelos bens que ostentava. Orlando era proprietário de uma grande casa comercial, e conhecido na cidade, como "o milionário". O valor pessoal estava restrito ao que tinha e, assim, não primava pela qualificação inerente aos valores morais e espirituais. Não se importava com o sofrimento ou dificuldades alheias, a ponto de proibir os empregados da casa, doarem, até mesmo, restos de comida aos necessitados que, de quando em vez, se aproximavam da mansão. A proibição não se prendia, simplesmente,

aos restos de comida, que de qualquer maneira acabariam indo para o lixo, mas, sobretudo, para evitar que essas pessoas se aproximassem da casa, uma mansão de alto luxo.

São atitudes provenientes de quem se deixa arrastar pela frieza de coração, tornando-se insensível e incapaz de assinalar a presença do amor. Anestesia a consciência, acreditando-se às alturas, de onde, mais tarde, terá que tombar sob o peso da própria consciência que, apesar de parecer na citada situação aparentemente insensível, não deixa de agir, chamando-o aos brios pela decepção proveniente do rebaixamento social e pela dor moral, para emergir, depois de anos ou séculos de duras lições, em exigentes processos educativos impostos pela justiça divina, quando poderia observar com interesse a indicação do mestre: *Amai ao próximo como a si mesmo.*

ORLANDO ACABAVA de chegar para o almoço. E não vendo a esposa, perguntou por ela a Madalena, serviçal da casa.

- Há algumas horas, ela entrou para o quarto e de lá não saiu até agora.

Ele se dirigiu ao aposento e, ao ver Stela na cama, deitada, perguntou surpreso:

- Oh! Stela, você está doente?

- Pior do que isso. Você não imagina o que está acontecendo!

Fez pequena pausa para dar mais conotação ao fato e falou revelando tristeza na voz:

- É Stevens!

Orlando, que também imaginava que o jovem havia se suicidado, pediu:

- Prossiga. Seja o que for eu estou preparado para ouvir.

Stela repetiu o que ouvira de Gildo, que sob a emoção desequilibrada pelo ódio, acabara exagerando. E quando ela finalizou a narração, Orlando disse raivoso:

- Pensei que ele havia dado cabo à própria vida, mas é algo bem pior!  
 - Que desgosto! - desabafou ela.

- Desgosto, Stela? Isso é uma desonra! Além dos clientes, que pensarão as pessoas do meu círculo de amizade ao tomarem conhecimento desse ultraje? Esse rapaz não deveria fazer parte de nossa família! A culpa é sua, e você sabe por que eu estou dizendo isso. Mas de qualquer jeito, ele será abortado da família e da sociedade da qual fazemos parte.

- Que pensa fazer, Orlando?

- Chamá-lo aos brios. Se não resolver, deserdá-lo-ei e o mandarei para bem longe daqui. Se não quer aderir aos nossos costumes e não obedece às minhas ordens, aqui não ficará. Quanto mais longe, melhor!

- Isso não! Ele é parte da nossa família! Acho que você não entende a extensão do meu sentimento!

- Stela, isso é poético! Ilusão esse amor, desde quando ele mesmo não se adapta à família. Quer ser assim, vai de vez e assunto encerrado!

- Então, os sentimentos de dona Camila, sua mãe, para com você era só algo poético?

O empresário calou-se. Mas se tratando de uma pessoa por demais vaidosa, seria difícil remover a ideia, porque quando ele decidia, mesmo sabendo estar errado, não admitia sugestão. O orgulho encontrava-se sempre à frente das suas decisões.

Agia assim com rigor, entretanto, não era um bom exemplo de pai. Na ambição de ter sempre mais, não acompanhou o crescimento dos filhos, principalmente nas fases em que eles precisavam de orientação, apoio e dedicação amorosa.

Além de Stevens e Gildo, o casal tinha mais três filhos: Gino, Gilza e Geilza. Apesar de todo rigor com que tratava os filhos, em relação ao trabalho, as filhas eram, desde criancinhas, tratadas por ele com toda condescendência, sem nada exigir, nem proibir. Bastava: eu quero! - dizer uma. Dê-me! - dizer a outra, para conseguirem o que desejavam. Agora, já adultas, nada faziam, a não ser marcar presença em festas e

passeios. Geilza, no entanto, era mais comedida. Não se sentia bem em casa, porque além da família, residiam, também, há bastante tempo, espíritos desencarnados e odientos que cobravam, a seu modo, débitos morais contraídos em existências pretéritas. Gilza, no entanto, chegava em casa a hora que queria, sem dar qualquer satisfação à família. Os dois rapazes, Gino e Gildo, para ganharem a confiança do pai e adquirir tudo que desejavam, cumpriam fielmente as suas ordens no setor do trabalho. Fora dele, mantinham um comportamento reprovável em relação aos bons costumes.

Já Stevens, que desde a pré-adolescência se sentia amargurado, sem que nada lhe agradasse no próprio lar e sem saber identificar essa aversão aos familiares, culpava-os do mal-estar que sentia, o que mais tarde transformou-se em uma profunda antipatia. Sem se dar conta de que estava sendo usado como instrumento de discórdia, causada por espíritos desequilibrados e odientos, discordava de tudo e de todos, o que gerava um ambiente de desentendimento e choques emocionais, dificultando o ensejo da paz, indispensável a todo lar-escola dos espíritos que retornam pelo processo da reencarnação. Mas as causas não eram apenas essas. Remontavam às existências anteriores, conforme veremos no decorrer da história.

ASSIM É QUE, enquanto a família se entregava à revolta pela decisão de Stevens, ele buscava reequilíbrio emocional, experimentando viver sem conforto, mas longe da ganância pela riqueza e, principalmente, da influência dos espíritos que na casa residiam, pois vinham eles trabalhando nesse sentido desde que identificaram Stevens, cuja ligação com aquela família fora, por decisão própria, tomada durante a preparação para a presente reencarnação.

Com o propósito de ajudar a menina Sandrinha, a sua pequena amiga, e prestando toda atenção às orientações de Juvenal, como faz um bom aluno, Stevens, em poucos dias já entregava o produto da sua

pesca em uma peixaria, criando as condições necessárias para manter com seriedade o amparo que havia decidido à sua tutelada.

Entretanto, quando a sensibilidade é despertada no íntimo, não fica restrita. A menina, por causa do amparo que dele recebia, já se destacava das outras crianças. Isso foi percebido por ele numa manhã quando distribuía, com Juvenal, o produto da pesca àquela comunidade. Logo que chegou, a primeira pessoa a se aproximar dele foi justamente a menina, que parecia outra criança. Com aspecto saudável e bastante risonha foi correndo abraçá-lo. Atrás dela, as outras crianças, como sempre, malvestidas, tristes e de aspecto doentio. O jovem pescador recebeu aquela diferença como um impacto e perguntou-se:

- Será que eu estou certo ajudando apenas essa menina? E as outras, não são também crianças necessitadas?

Seu pensamento foi interrompido quando uma garotinha se aproximou e perguntou-lhe:

- Por que você não gosta de mim?

- Eu gosto muito de você e de todos daqui! - respondeu surpreso.

- Você só gosta da Xandinha. Vá embora! - falou e se retirou chorando.

- Que faço? - perguntou a si mesmo, enquanto se afastava do local.

Parou embaixo de uma árvore e imediatamente lembrou-se de Espírito do Mar e, de repente, passou a se sentir alheio àquele ambiente onde se encontrava. Em desdobramento, viu-se na praia, sentado na mesma pedra. Do meio das ondas, surgiu a mesma entidade espiritual, que se aproximou e disse-lhe:

- Ame a todos por igual. Faça o que puder, sob a orientação dos seus melhores sentimentos.

Isso lhe ocorreu em fração de segundos. Embora não compreendesse o fenômeno, ao retornar ao corpo físico, impressionado, afirmou para si mesmo:

- Sim. Farei tudo que estiver, realmente, ao meu alcance, tentando alargar esse novo sentimento para com os mais necessitados.

- Pensativo? - perguntou o pescador ao vê-lo, ainda, na sombra da árvore.

- Sim. Acho que o senhor é, também, responsável por esse novo estado íntimo que experimento.

- Também?! E quem mais além de você mesmo?

- Espírito do Mar.

- Oh jovem amigo! Use o livre-arbítrio, se ainda não cultivou o propósito de mudar para melhor! Se esse não é o ideal dos seus sentimentos, e se por acaso não se sente capaz de ultrapassar as barreiras, siga o que, por enquanto, o seu coração - ou sentimento - pede.

- O meu coração ainda pede, por assim me expressar, paz, alegria e muita ventura! Mas a razão me leva a outra realidade, que é a disciplina. Falo como muitos se expressam: Por enquanto, vou levando!

- Enquanto for levando, tente observar o amor.

- Como posso saber se estou amando?

- Quando sentir interesse pelo outro; quando for capaz de perdoar, orar pelos que lhe caluniam e usar bons sentimentos para com os supostos inimigos.

- O senhor é um sábio!

- Oh! Não se engane, pois essas palavras não são minhas! São do maior, do melhor e mais sábio espírito que já passou por este planeta: Jesus.

- Onde o senhor viu isso?

- Quando chegar à casa lhe mostrarei a perfeita expressão da fonte da sabedoria. Mas, voltando ao assunto, digo ainda que saberás quando por um impulso do amor, for capaz de voltar e, sob outra ótica, rever os seus familiares e de um a um, pedir que lhe perdoem.

Juvenal, antes de Stevens, mantinha encontros com Espírito do Mar por meio do desdobramento. E por isso já sabia a causa e a importância da convivência do jovem pescador com aquela família. Stevens, no entanto, não retinha ainda condições de assimilar isso como uma verdade. Tanto que assim se expressou:

- Não estou entendendo, seu Juvenal, pois acho que são eles que devem fazer isso!

- Você ainda está se achando vítima. É mais uma boa tarefa que tem pela frente.

- Acho, realmente, que ainda está longe da minha compreensão.

- Digo-lhe que esse dia não está tão longe assim, como você pensa. Não sou adivinho, contudo, percebo facilmente as tendências das pessoas.

Fez uma pequena pausa e voltando o olhar ao jovem amigo, continuou:

- Se o alpinista ao verificar a altura da montanha se sentir incapaz de escalar, dificilmente chegará ao pico. Mas sendo outra a sua impressão, poderá, pacientemente, começar por uma menor, até se sentir capaz de atingir o pico do seu ideal, assim como para construir uma casa deve-se manter a devida paciência, colocando tijolo sobre tijolo, observando atenciosamente como está fazendo, para que a construção tenha mais solidez. Do mesmo jeito, meu filho, são todas as coisas boas que adquirimos, com o objetivo de melhorar o nível de vida. Por ainda não saber nadar, no primeiro dia que foi à pesca a sua reação não foi de medo?

- Senti até dor de barriga! - respondeu sorrindo.

- E agora, ainda dói?

- Oh, não!

- Então, não olhe inicialmente para o pico da montanha. Olhe primeiro a base e tente ir até onde se sentir capaz. Persistindo, quando se der conta já estará no limiar das suas realizações, e terá construído em si mesmo um homem novo nas atitudes, novo nos sentimentos e na compreensão. Novo na amizade, no amor ao próximo e, enfim, novo na expressão da pura alegria.

Parou de falar por alguns instantes e em seguida concluiu:

- Siga em frente. Jesus espera por todos nós!

Assim conversando, quando se deram conta já se encontravam no-

vamente na praia. Juvenal entrou em casa, abriu um velho baú de madeira, pegou um livro e falou estendendo a mão:

- Aqui se encontram os recursos que lhe facilitarão a aquisição da coragem e do entusiasmo por toda forma do bem a ser praticado.

Vendo-o curioso, o pescador quis saber:

- Já viu esse livro alguma vez?

- Não.

Stevens fora criado e educado longe de qualquer princípio religioso. Por isso mesmo, ainda se encontrava como uma lâmpada apagada a ideia de Deus na sua mente e, como também, da vida após a morte do corpo físico. Confiante nas intenções de Juvenal, ao abrir o Evangelho para começar a ler, caiu de dentro dele uma fotografia. Ele pegou-a e enquanto estendia a mão para entregá-la a Juvenal, comentou:

- Que fotografia bonita! Parece que o casal estava muito feliz no momento em que ela foi feita!

- Realmente estava. É pena que não perdurou!

- Algum parente?

Juvenal estendeu a mão e sugeriu, devolvendo a foto ao jovem amigo:

- Olhe-a minuciosamente!

Stevens respondeu depois de observar, por mais ou menos, cinco minutos:

- Não consigo identificar! Mas tenho a impressão de que pela expressão do olhar e o sorriso, parece muito com o senhor!

- Foram dias venturosos!

- O senhor me disse que não é indispensável a presença de familiares para conquistar a felicidade! Mas aqui, nessa fotografia, parecia estar muito feliz!

- Felicidade relativa, porque a verdadeira, só com a iluminação e a perfeição.

- Por que os dias venturosos, como disse há pouco, não prosseguiram até agora?



- Ela desencarnou.

- Amava-a muito?

- Amo-a do mesmo jeito, pois para o amor não há distância. A presença do ser amado é constante no íntimo. Afinal, a morte, como muitos pensam, não se configura com a realidade, pois se trata, apenas, de uma mudança.

- Desculpe-me seu Juvenal, por ter penetrado nesse assunto, que é íntimo e só seu.

- Se para falar sobre o amor fosse necessário pedir desculpas, Jesus, ainda agora, estaria se desculpendo perante todos nós! - falou sorrindo alegremente e em seguida perguntou:

- Não vai ler um pouco, para ver se gosta?

Depois de dez minutos de leitura, Stevens deu a sua impressão:

- Em poucos dias vou ler tudo isso, porque pelo que percebi, ele é ótimo!

- Não deve! Esqueceu o que falei há pouco sobre a montanha?

- Se ele é fonte de bons conhecimentos, não tenho que ler para conhecer?

- Ler, simplesmente, não! É preciso estudá-lo. Não aprende, realmente, quem apenas memoriza sem se dar ao esforço da compreensão, da aceitação como verdade e da prática, transformando-o em páginas vivas. Creio que se você quiser realmente mudar, este livro terá que lhe acompanhar toda essa sua existência... Se aplicar esforço, pois há muitos que vivem longos anos na Terra e não conseguem pôr em prática, por completo, as luminosas lições do Divino Senhor.

- Toda a minha vida?! - perguntou cheio de admiração e exclamou: - É muito difícil!

- Lembre-se, jovem Stevens: Pedra sobre pedra! Essa é a ordem usada na construção sólida.

Stevens fechou o livro e perguntou:

- Quem é realmente o senhor?

Se o pescador pudesse relembrar da existência anterior na Inglaterra-

ra, responderia: – Sou Bernard! Você me conhece!

Bernard ou Juvenal, não importa o nome. Fato é que ali se encontrava o mesmo espírito, que além da busca da sua própria redenção, integrava o programa reencarnatório de Stevens, que na existência anterior chamara-se David. Contudo, depois de pensar por alguns instantes, o pescador deu uma resposta lógica:

– Perante Deus, ninguém melhor e nem pior do que os outros. Mas um dia desses aí pela frente, se você tiver interesse e paciência de ouvir, contarei a minha história, apesar de não achá-la atraente, pois para ser interessante preciso voltar, ainda, muitas vezes a esse mundo.

– Voltar, de que jeito?

Percebendo a descrença expressada pelo seu interlocutor, arrematou:

– A construção ainda não chegou ao ponto certo. É preciso ir mais acima, para que haja a devida compreensão.

Dito isso, trataram de dormir. Afinal, antes do amanhecer de todos os dias, eles já se encontravam no labor da pesca.